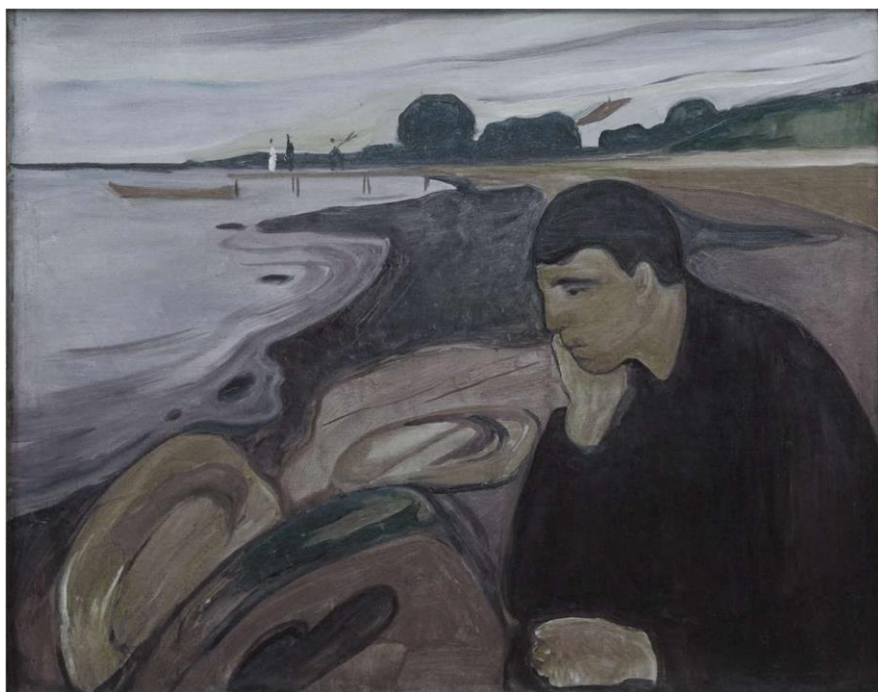


5ª EDIÇÃO
CONCURSO LITERÁRIO CONTOS DO RIO

Porque não te vejo



Melancholia de Edvard Munch, 1898

Melanie Martin

Finalmente ganhei coragem para enfrentar a dúvida que assombrava os meus dias. À medida que o mundo à minha volta ganhava cor, ela tingia-se de escuridão e incerteza. Os meus olhos pousaram nos de Ana, que brilhavam, contendo um sorriso. Eram castanhos, suaves e doces como a sua voz, que era tudo o que eu conhecera dela. Contudo, à sua volta, a pele contorcia-se em deformidades. A sua face estava distorcida, horrenda. O coração caiu-me, estilhaçado, no estômago. A minha mente lutava arduamente, tentando arrumar todos os pensamentos que a inundavam. Mas apenas um prevalecia: como é que eu olharia para aquilo e sentiria amor? Sentia apenas um nó na garganta, desprezo e ódio por mim mesmo, por os meus olhos não verem aquilo que eu via antes. Era agora mais cego do que nunca.

Senti os olhos marejados de lágrimas, um aperto no peito, a sensação de que se dissesse apenas uma palavra não conseguiria conter o choro. Então olhei para ela, uma tímida súplica que tentasse compreender aquilo que eu não lhe conseguia explicar, e saí. Não sei como encontrei o meu quarto, sem nunca desviar os olhos do chão. As lágrimas escorriam-me pela face, gélidas, cortantes. Sentei-me no chão, a cara enterrada entre os joelhos, rodeando-me novamente da escuridão acolhedora que eu conhecia. Pensei nas horas que eu passara construindo na minha mente uma imagem bela que correspondesse à voz por que eu me apaixonara. Procurara encontrar uma textura que correspondesse à mão que me estendera. Idealizara a cor dos seus olhos, do seu cabelo, os contornos do seu rosto.

Pensava na beleza de não ver. Na beleza do desconhecido que me envolvera e que eu abraçara e repudiara simultaneamente. Na beleza de poder criar quem amamos, de poder vê-la, não como ela é, mas como desejamos que seja. Na beleza de viver dentro de nós próprios, de nos escondermos do mundo, de não o olhar nos olhos. Eu vivia assustado, agora mais do que nunca, por não saber como lidar com tudo aquilo que via. Começava a viver, atirado para um mundo cujas regras eu não conhecia, dominado pelo medo de não me adaptar a uma realidade que não podia dobrar a meu gosto. Passara anos na escuridão. Não sabia enfrentar a luz.

Doía-me tanto pensar que não a amava como idealizava. Sorrira, regozijara-me ao pensar que, por amar algo que não via, amava de verdade a sua essência, não estava sujeito à efemeridade e falsidade da beleza física. Agora compreendia que eu amara apenas uma ideia que construía, amara a voz que me salvara da minha escuridão, sem saber que quando visse a luz a perderia para sempre.

Recordei o dia em que ela, rindo, me dissera que ao recuperar a vista deixaria de gostar dela. Ouvi estas palavras nitidamente como se ela as sussurrasse ao meu ouvido e um soluço escapou-me da boca. Eu respondera que não, que isso era impossível. Assegurara-lhe que nada mudaria. No entanto, o abismo do real abriu-se entre nós e eu não sabia como ultrapassá-lo. Não sabia como encontrar beleza nela. Tentava forçar-me a acreditar na ideia nobre de que o amor que sentia se sobrepunha à sua aparência. Mas eu era homem, fraco, inebriado pela luz e pelo mundo que se estendia agora a meus pés.

Queria ser cego. Desejei-o com toda a minha alma naquele momento. Fechei os olhos com todas as minhas forças e amaldiçoei o dia em que me disseram que podia voltar a ver. Senti um gosto amargo ao pensar no sorriso com que eu e o médico disséramos a Ana que eu podia voltar a ver. As nossas gargalhadas embargadas, o tremer das mãos, o abraço com que ela me envolveu. Tudo se desenrolava na minha memória vezes sem conta, os detalhes da nossa felicidade gravados a fogo pelas lágrimas que me desciam pela face.

A saudade que eu sentira nos meus anos de cegueira atormentava-me de novo, um peso maior no meu coração frágil e inebriado. O tempo que eu passara cego, principalmente ao início, fora marcado pelo sofrimento de perder os contornos do mundo e da vida, de passar a estender as mãos no escuro, na esperança de encontrar algo firme onde me agarrar. Tivera saudades da luz, da cor, das pessoas, das coisas tal como elas eram e não apenas como superfícies que eu tateava avidamente. Sentira a falta de ser visto como normal, de não sentir o peso dos olhares de pena que me lançavam e da maneira como falavam comigo como se tentassem compensar-me pelo facto de eu ter sido desprezado pelo destino. Ana fora uma das poucas pessoas que não me falara assim, que me abordara de igual para igual, talvez por me compreender, por ela ser, também, marcada pelas injustiças da vida.

Agora estas memórias sufocavam-me, impediam-me de encarar a realidade. Deixei-me afundar, lentamente, submergindo sob o peso da dor de não poder amar. Eu era o homem que não sabia ser cego nem sabia ver, vivia afogado em saudade dos tempos passados.

Tinham passado poucas horas desde que fugira daquela sala. A luz que entrava pelas persianas entreabertas era cada vez mais fraca. O tempo parecia arrastar-se, mas a cena que se repetia na minha cabeça, a imagem dos olhos de Ana, parecia distante. Era como se eu tivesse envelhecido vários anos e me lembrasse agora, amargamente, da decisão que tomara. A decisão de a abandonar. De sufocar o meu amor e qualquer tipo de sentimento e partir para longe, como um pobre enamorado das páginas amareladas de um romance antigo. Tudo era nítido: as memórias, a dor, o olhar de dor e confusão que Ana me retribuiu ao ver-me desaparecer pela porta do consultório. Contudo, o inferno ardente que se abrira na minha alma era agora um vazio frio, como as lágrimas que me gelavam a face. A minha respiração acalmara e eu estava fora de mim, numa vida nova, triste e melancólica, olhando o meu corpo dobrado sobre si mesmo como um velho boneco de trapos. Via a minha expressão vazia e saudosa, os olhos vermelhos de tanto chorar, os ombros dobrados para a frente, derrotados, cansados. Eu desistira, abandonara-me ao meu próprio desespero, tivera pena de mim mesmo e começara uma nova vida.

Levantei-me lentamente, deitei-me na cama, pousando a cabeça sobre a almofada. Aceitei a minha derrota perante mim mesmo. Pensei que faria Ana sofrer, que ela talvez estivesse a chorar, agora, como eu. Ela perceberia (esperava eu) que a culpa era minha e não sua, que eu me afastara por ser fraco e não por ela ser deformada. Tentei confortar-me ao pensar que ela seria forte e inteligente para não sofrer por mim e castigar-me por saber que não merecia a sua tristeza.

Sentia-me vazio, desprezível... Eu era o homem que abandonara alguém que amava por, ao recuperar a visão, ver que ela era feia e não a menina morena de olhos cor de mel que eu observara no portão da escola na minha infância. Eu não amava, eu agarrara-me a uma ideia forjada na imaginação, a algo que me trouxera felicidade.

Ana era agora uma ferida funda na minha alma. A minha vida prévia resumia-se às memórias que tinha dela, o seu riso, a sua voz, as nossa conversas. Tudo isto eram imagens doces que passavam pela minha mente, quadros pintados a cores por quem apenas podia sonhá-las. E os que figuravam nessas obras de arte eram jovens, intactos e alegres, livres da opressão da imagem e ilesos da crueldade do mundo. O cabelo dela caía em anéis de mel ao sol, os seus olhos tinham a cor de um copo de whiskey nas tardes de verão. Eu sorria apaixonadamente, nestas pinturas, os seus dedos suaves entrelaçados nos meus. Olhávamos pela janela o pôr do sol, uma tarde antiga que eu guardava religiosamente na memória, uma das últimas que presenciara antes de elas se tingirem todas da mesma cor negra e indiferenciada da minha cegueira.

Eu tinha uma galeria vasta, pela qual agora vagueava, solitário e melancólico, sorrindo tristemente ao ver a vida que eu vivera a sonhar. Criara-a para me salvar das profundezas onde me encontrava, para separar por cores os dias que se sucediam iguais. Tentara encontrar beleza na vida, e percebia agora que não a encontrara, mas sim que a resgatara de memórias mais antigas e tentara torná-las reais. Não podia mudar o mundo; então criei o meu, afundara-me em memórias para fugir da saudade apenas para agora me perder nela.

Os quadros que eu via trouxeram-me lágrimas novamente. Eu não tinha saudades da escuridão da cegueira. Mas tinha saudades da liberdade que esta me dava, de pintar a minha vida e os outros com as cores que eu quisesse. Tinha saudades da ilusão que abraçara, na esperança de que pudesse ser real. Saíra das profundezas da tristeza quando conhecera Ana, apaixonara-me novamente pela vida. Descobria agora que me apaixonara por imagens desenhadas a giz no recreio da escola, por sonhos que se desvaneceram quando abri os olhos.

Estava condenado a carregar a saudade dos tempos que eu não vivera, assombrado para sempre pela memória de uma escuridão, que fora, afinal, o tempo mais luminoso da minha vida.
